



O BATISMO DE NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO RIO PARAÍBA E COMO ELA SE TORNOU “NOSSA” EM APARECIDA

Pe. Paulo Suess

*Doutorado em Teologia pelo Westfaelische Wilhelms-Universitaet Muenster,
Alemanha(1977). Professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores, Brasil*

RESUMO:

A conquista das colônias ibéricas sempre teve um braço militar e outro espiritual. A religião era uma arma de submissão dos povos conquistados, mas também um bálsamo para a vida cotidiana dos próprios colonizadores e para a segunda ou terceira geração dos colonizados. Com o passar do tempo, os povos colonizados se apropriaram de elementos essenciais da religião imposta e fizeram deles uma arma de sua sobrevivência e libertação. Neste artigo fazem-se algumas reflexões a partir de duas devoções e imagens que nos primórdios aportaram na Terra da Santa Cruz, onde se transformaram: a devoção a Nossa Senhora de Loreto, uma imagem de mãe negra, milagrosa, com o menino Jesus nos braços, e a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, virgem branca, também já muito antes de chegar ao Brasil considerada milagrosa.

PALAVRAS-CHAVE:

Religião-Brasil-Colônia; Religiosidade-Brasil; Nossa Senhora Aparecida – História; Nossa Senhora de Loreto.

ABSTRACT:

The conquest of the Iberian colonies always had a military and a spiritual arm. Religion was a weapon of submission of the conquered peoples, but also a balm for the daily life of the colonizers themselves and for the second or third generation of the colonized. Over time, the colonized peoples appropriated essential elements of the imposed religion and made them a weapon of their survival and liberation. In this article we make some reflections from two devotions and images that in the beginnings contributed in the Land of the Holy Cross, where they became: the devotion to Our Lady of Loreto, an image of black mother, miraculous, with the boy Jesus in the arms and the image of Our Lady of the Immaculate Conception, white virgin, also long before arriving in Brazil considered miraculous.

KEYWORDS:

Religion-Brazil-Colony; Religiosity-Brazil; Our Lady Aparecida - History; Our Lady of Loreto.

INTRODUÇÃO

A conquista das colônias ibéricas sempre teve um braço militar e outro espiritual. A religião era uma arma de submissão dos povos conquistados, mas também um bálsamo para a vida cotidiana dos próprios colonizadores e para a segunda ou terceira geração dos colonizados. Com o passar do tempo, os povos colonizados se apropriaram de elementos essenciais da religião imposta e fizeram deles uma arma de sua sobrevivência e libertação. Indígenas, escravos e empobrecidos na terra conquistada transformaram as devoções de santos, relíquias e imagens milagrosas em amuletos de sua sorte, interlocutores de suas rezas e instâncias de sua proteção.

A seguir, algumas reflexões a partir de duas devoções e imagens que nos primórdios aportaram na Terra da Santa Cruz, onde se transformaram: a devoção a Nossa Senhora de Loreto, uma imagem de mãe negra, milagrosa, com o menino Jesus nos braços, e a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, virgem branca, também já muito antes de chegar ao Brasil considerada milagrosa. A virgem branca, no rio Paraíba do Sul, tornou-se negra, e a mãe preta, de Loreto, em Jacarepaguá, na periferia do Rio de Janeiro, tornou-se branca. Nem todas as imagens de Loreto no Brasil sofreram esse processo de branqueamento, como nem todas as imagens da Imaculada Conceição se tornaram negras.

DA IMACULADA CONCEIÇÃO À CONCEIÇÃO APARECIDA

Há 300 anos, três pescadores desceram o rio Paraíba do Sul à procura de peixes. Sem sucesso. Chegando ao Porto Itaguaçu, lançaram outra vez sua rede e, em vez de peixes, apanharam o corpo de uma imagem de barro cozido e, num segundo lance de sua rede, apareceu a cabeça da mesma imagem, logo reconhecida como uma imagem despedaçada de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A história conta que, depois dessa pesca surpreendente, os pescadores apanharam peixes em abundância.





fretamais.com.br

A transfiguração de “Nossa Senhora da Imaculada Conceição” em “Nossa Senhora Aparecida”, ou abreviado, da “Imaculada” portuguesa em “Aparecida” brasileira, às vezes, amorosamente, invocada como “Cida” ou “Cidinha”, pode ser considerado o primeiro milagre de uma santa “cuja ancestral branca”¹ acompanhou os conquistadores no porão de suas naus. No litoral paulista, Martin Afonso de Souza (1500-1571) dedicou a ela a primeira igrejinha no Brasil. Hoje, em todo o território nacional, são mais de 530 paróquias dedicadas à Imaculada Conceição e mais de 340 à Nossa Senhora Aparecida.²

O milagre é configurado pela metamorfose de uma santa, que a iconografia nos mostra desde suas origens europeias branca e, na plenitude da graça, acompanhada por anjos e olhando para o céu, e que sobreviveu à longa permanência no rio Paraíba do Sul. Há relatos dos primórdios da atividade missionária que nos falam de certa resistência de alguns grupos guaranis contra imagens da Virgem conquistadora, que consideravam portado-

ra “de um poder maléfico”.³ Ruiz de Montoya nos relata a dor que sentiu quando viu a destruição execrável que os guaranis fizeram de uma imagem da Virgem que pertenceu ao padre Roque Gonzáles (1576-1628).⁴ E o jesuíta Pedro Lozano (1697-1752), historiador da Companhia de Jesus, “recolhe em sua obra um fato semelhante no povo guarani chiriguano. Após darem morte ao Pe. Julián Lizardi, os indígenas dividiram de alto a baixo uma pintura de Nossa Senhora, inseparável companheira do missionário, e derrubaram a imagem titular, arrancando-lhe a cabeça e as mãos”.⁵ Se foram guaranis que jogaram a imagem no rio Paraíba, não o sabemos. Sabemos, porém, que a passagem de Virgem conquistadora para Virgem protetora dos conquistados se deu num processo demorado e, por que não dizer, processo milagroso de inculturação.

Após a permanência de alguns anos no leito do rio como numa pia batismal, emergiram na rede dos pescadores dois pedaços de barro de uma imagem despida, com seu

orgulho de plenitude branca quebrado, sem indumentária, escurecida, realmente “nossa”, Senhora por respeito, não pelo sangue. Azul é apenas seu manto, posteriormente confeccionado para cobrir sua nudez e negritude. Depois do batismo no rio Paraíba e uma longa permanência na casa dos pobres, a imagem é enfeitada com adornos, cordões de ouro e homenagens que têm valores simbólicos, não real. Não foram encomendados pela visitada, mas agradam os visitantes. E não é para menos. O povo sempre dá o melhor para seus hóspedes.

A passagem da Imaculada por esse rio indica sua missão como Aparecida. É uma missão que significa despojamento, presença, visita silenciosa. Realmente, o primeiro milagre da Aparecida é o processo da inculturação pelo qual a Imaculada se tornou “Cidinha” missionária, visitada e visitadora de muitos que estão atormentados pelos achaques da vida. Basta visitar a “Sala dos Milagres” em Aparecida, ver os objetos ali deixados e ler os bilhetinhos com as mensagens sobre graças alcançadas.

A pesca abundante pode ser considerada como o segundo milagre de Aparecida. Os peixes eram esperados e tinham destino certo. A Visitadora é Auxiliadora. Mas o que fazer com a imagem em pedaços? Um dos três pescadores, Felipe Pedroso, levou os pedaços toscos do barro da terra para sua casa e deixou restaurar a imagem. Por quinze anos, a vizinhança se reuniu nessa casa, num pequeno anexo, uma espécie de oratório, que foi logo construído para receber cada vez mais devotos. Ao longo desses anos, Aparecida se inculturou na vida dessa gente. Nas rezas do terço, o povo pediu a proteção da Santa e agradeceu pela sua proteção.

Com o tempo, a pescaria de 1717 se tornou o evento fundacional de um santuário novo, num país que ainda era colônia portuguesa e católica. No Brasil viviam-se as restrições semelhantes ao “Edito de Tessalônica” (380), que proibiu as religiões não-cristãs. Até meados do século XVIII, emissários da Inquisição portuguesa vinham periodicamente ao Brasil para punir manifestações clan-

destinas da alteridade religiosa, enquanto a “Imaculada” mostrou sua alteridade de “Aparecida”.

No rio Paraíba não aconteceu propriamente uma aparição milagrosa de Nossa Senhora. A Aparecida é uma Santa silenciosa. Apareceu no silêncio das águas e atuou no silêncio das casas, sem dizer uma só palavra, sem fazer promessas nem profecia, sem dar ordens ou indicar um lugar para construir um templo. Ela não propõe encontros com data e hora marcadas, nem envia mensagens por uma vidente. A Aparecida não fez questão de sua identidade e descendência da Imaculada Conceição, nem se trata da confirmação de um dogma, como em Lourdes, mas de um simples e maravilhoso “encontro” de dois pedaços de uma imagem, logo identificada como da Imaculada Conceição.

Em Lourdes, sim, aconteceram, segundo Bernadete Soubirous, dezoito aparições de uma “senhora branca”. E essa “senhora” falava, deu recados, pediu orações e se identificou na 16ª aparição, no dia 25 de março de 1858, festa da Anunciação do Senhor, com as palavras: “Eu sou a Imaculada Conceição”, eliminando as dúvidas que possam ainda ter pairado sobre a proclamação do dogma por Pio IX, quatro anos antes. Em Lourdes, o nascimento de Maria sem pecado original tinha recebido a sua confirmação do alto.

Apesar do silêncio e de milagres discretos, a devoção da Nossa Senhora Aparecida cresceu e se espalhou pela região. Para receber cada vez mais peregrinos, foi necessário construir espaços maiores, simbólicos e reais. Em 1904, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi solenemente coroada e, em 1929, foi proclamada padroeira oficial do Brasil. Já em 1980, a Basílica Nova foi consagrada pelo papa João Paulo, e o evento do rio Paraíba tornou-se feriado nacional, litúrgica e politicamente reverenciado a cada dia 12 de outubro. Em 1984, a CNBB declarou a Basílica, oficialmente, Santuário Nacional, e o dia 12 de outubro de 2016 marcou a abertura do Ano Jubilar em comemoração aos 300 anos da aparição de Aparecida.

A integração nacional e oficial de um evento milagroso, originalmente destinado aos pobres e apropriado pelos socialmente humilhados como elemento de resistência e luta pela sua dignidade, não é sem risco e aconteceu também em outros países. As manipulações das elites políticas e culturais passam sempre por aquilo que o povo considera sagrado. Há anos concelebrei com companheiros da Teologia Índia uma Missa na Basílica de N. Sra. de Guadalupe, santuário nacional do México, com não-indígenas sentados nos bancos e com praticamente todos os índios presentes sentados no chão, no fundo da Igreja, ou encostados na parede. As elites, donas da palavra e do poder, procuram fazer os pobres reconhecerem, voluntariamente, “seu” lugar nas repartições públicas, na sociedade e na Igreja. Nas festas religiosas buscam proximidade com as “autoridades” religiosas populares que lhes dão legitimidade e sacralizam seu poder. Mas os milagres acontecem “no fundo da Igreja” e nas periferias, onde nasce a esperança.

Hoje, doentes abastados e pobres, com suas dores desiguais, procuram a Santa. Veem para “pagar” promessas atendidas e para encomendar graças urgentes. Cidinha e Rainha, com humildade e majestade, Nossa Senhora Aparecida, pode puxar a cada uma e a cada um para cima e para fora de sua miséria, pode garantir o essencial a cada dia e, na falta desse essencial, e apesar dessa falta, transmitir o sentimento de não abandonar os devotos dos quais é Mãe. Ela também experimentou a precariedade da vida. Na passagem pela água do rio e pela casa dos pobres, a Virgem Imaculada integrou no imaginário dos fiéis traços robustos da Mãe Terra, simbolizada não somente pela cor, mas também pelo adorno da Lua aos seus pés, que a faz “espelho de justiça”, porque reflete a luz de Cristo, como já cantava Anchieta:

“Ele, como Sol, domina o universo,
cingido com os raios da justiça.

Tu, como Lua, com a face toda iluminada,
brilhas em trono altíssimo nos céus”.

IMPULSOS MISSIONÁRIOS DA APA- RECIDA: INCULTURAÇÃO, ATRAÇÃO E RADIAÇÃO

A atração de massas populares e elites pela Santa de Aparecida se deve, provavelmente, ao amplo espectro social e imaginário que cabe entre a simplicidade de seu corpo material de barro e a coroa como símbolo da nobreza. Roque Gonzáles (1576-1628), mártir jesuíta e colega do jesuíta Ruiz de Montoya (1585-1652), chamava a imagem da Virgem Maria, que o acompanhou em suas peregrinações missionárias, a “Conquistadora”, “atribuindo à sua presença os sucessos prósperos de suas empresas”. Os sinais falam mais alto do que mensagens teológicas que os próprios mensageiros não entendem, como aconteceu em Lourdes. Essa atração por causa de um amplo leque hermenêutico possível foi uma das razões pelas quais o papa Bento XVI decidiu que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe fosse realizada em Aparecida. O Papa, que nasceu perto de Alttötting, cidade que abriga o santuário mais procurado de uma madona negra no Sul da Alemanha, tinha conhecimento de dados estatísticos preocupantes sobre a involução do catolicismo no Brasil (Cf. DAp 100a). Maria, a discípula missionária fiel, poderia ajudar a reverter esse quadro. E a V Conferência respondeu aos anseios de Bento: “Fixamos o olhar em Maria e reconhecemos nela a imagem perfeita da discípula missionária. (...) Junto com ela, queremos estar atentos uma vez mais à escuta do Mestre, e ao redor dela, voltarmos a receber com estremeimento o mandato missionário de seu Filho: “*Vão e façam discípulos todos os povos*” (Mt 28,19; DAp 364). Ainda em sua homilia, na Missa inaugural dessa V Conferência, dia 13 de maio 2007, data significativa para Aparecida (1717), para a abolição formal da escravidão no Brasil (13 de maio de 1888), para Fátima (13 de maio de 1917) e para a comemoração do atentado frustrado contra João Paulo II (13 de maio de 1981), o papa Bento falou do crescimento do povo de Deus pela “atração” divina e não pelo proselitismo.

mo de zelotes. O DAp assumiu esse tópico da missão como “atração” do próprio Jesus (Cf. DAp 159) e, por extensão, por Maria: ela, que “pode chegar a ser mãe da Palavra encarnada” (DCE 41/DAP 271) e consegue atrair “multidões à comunhão com Jesus e sua Igreja, como experimentamos muitas vezes nos santuários marianos” (DAP 268). “Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade”, indicando assim “qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, ‘sintam-se como em casa’” (DAP 272).

A migração de fiéis para outras denominações nos obriga hoje a refletir a perda da relevância eclesial para esses migrantes. Será que se tornaram presa fácil na troca da verdadeira atratividade do Evangelho, que é Jesus crucificado e ressuscitado, por uma atratividade alienada e baseada em *marketing*, eventos espetaculares e promessas de prosperidade? Não ignoramos que, nessas migrações religiosas, há também respostas para uma busca sincera, as quais os migrantes não encontraram na Igreja Católica.¹⁰ Mas, diante dos perigos de um fundamentalismo militante, de “uma alegre irresponsabilidade” (LS 59) e de uma intolerância crescente, de um devocionalismo descompromissado com a realidade, de uma diluição dos verdadeiros problemas sociais numa filosofia interclassista, o DAp purifica certo imaginário idílico que se expressa em linguagens pré-modernas, atitudes infantis e zelos proselitistas. Aparecida aponta para uma devoção mariana enraizada na encarnação da Palavra de Deus em nosso mundo e em nossas realidades. Falar da proximidade entre Maria e Missão significa falar da encarnação e tratar a vida cotidiana como ela é. Significa falar do trabalho e de uma pesca frustrada, falar de barro e cantar a glória de Deus numa vida de simplicidade. A Nossa Senhora (silenciosamente) Aparecida é três em uma: Nossa

Senhora da Encarnação/Inculturação, Nossa Senhora do Encontro e Nossa Senhora da Missão. Nessa perspectiva, o DAp é enfático e lapidar quando declara: “Maria é a grande missionária, continuadora da mis-

são de seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho à nossa América” (DAP 269).

O que na fé dos cristãos aconteceu em Belém, onde Jesus nasceu fisicamente, quando Maria, “a testemunha fiel”¹¹ do Verbo, deu “à luz o Salvador”, foi posteriormente assumido por amplas correntes do cristianismo em metáforas. Aí “dar à luz o Salvador” significa radiação da Boa-Nova, anunciar o Salvador à humanidade e iluminar o mundo, através desse anúncio e as exigências de sua prática. As atitudes históricas de Maria de Nazaré (Anunciação), de Belém (Nascimento) e Jerusalém (Páscoa) assumidas pelos discípulos serviram como exemplo para configurar Maria como “continuadora da missão” e “formadora de missionários” (DAP 269). Mais tarde, a comunidade cristã acrescentou outros aspectos a uma incipiente teologia da missão entre Páscoa e Pentecostes, por exemplo: a possibilidade do martírio. Na Ladainha Lauretana, uma síntese medieval de devoções marianas, Maria é invocada não somente como Rainha dos anjos, patriarcas, profetas e apóstolos, mas também como Rainha dos mártires.

Maria como “auxílio dos cristãos” e “continuadora da missão” não significa um intervencionismo na obra da evangelização, mas uma presença operante do imaginário mariano na memória e na história do cristianismo. Sem escrúpulos doutrinários, Ruiz de Montoya pondera: “Não sem bom fundamento dizem os médicos que a imaginação produz a causa – *imaginatio facit causam*”¹², e Romano Guardini explica para os contemporâneos de hoje: “Isso não quer dizer que se trate de algo meramente subjetivo; de sentimento, imaginação, desejo. Trata-se de fato de algo objetivo. De um acontecimento na realidade do mundo”.¹³ Esta objetividade do imaginário é cultural e historicamente moldada, portanto, é de uma grande variedade, que é a condição da inculturação do Evangelho. Essa inculturação não é obra de um agente externo, digamos, de um missionário que chega de uma



outra cultura. Também a piedade e diferentes práticas devocionais marianas não são resultado de aparições ou intervenções externas de uma Maria celeste que rompe com sua intervenção, revestida com as prerrogativas de “mãe de Deus”, à distância entre transcendência e realidade histórica, desfazendo silêncios de Deus. As diferentes devoções, aparições e “aparecidas” são resultado de inculturações e apropriações feitas pelos povos e grupos sociais tendo por base suas culturas, compreensões e momentos históricos de sua vida. Encarnação, inculturação e intervenção milagrosa não significam abolição da transcendência. As duas naturezas de Jesus, a divina e a humana, segundo a definição do Concílio de Calcedônia (451), não se confundem nem se separam, mas se comunicam: “Eis o mistério da fé”.

A APARECIDA NA RODA COM OUTRAS MADONAS NEGRAS

Na liberdade e diversidade da assunção dos mistérios da fé, que se manifestam em torno das devoções marianas, nos confrontamos com um dado intrigante: Nossa Senhora Aparecida, cuja negritude foi interpretada como apoio à causa dos escravos e resgate de sua dignidade, é apenas uma entre muitas Madonas Negras ao redor do mundo, portanto, independentemente de contextos de escravidão, geografia, história, cultura e situação social dos respectivos povos ou grupos humanos. Só para dar alguns exemplos, encontramos madonas negras ou morenas na Colômbia (“Virgem da Candelária”) e em Cuba (“Virgem da Caridade do Cobre”), na Espanha (“Virgem de Montserrat”) e em Portugal (“Nossa Senhora de Nazaré”), na Suíça (Maria Einsiedeln) e na França (Chartres), na Bolívia (“Virgem de Copacabana”) e no México (“Nossa Senhora de Guadalupe”). Até hoje não se conseguiu construir um denominador comum para explicar essa negritude.

No Brasil, o rosto negro da imagem da Aparecida, como no México, a imagem da mãe morena de Guadalupe, parecia mais fácil de ser contextualizada e revestida de uma áurea de resistência contra a escravidão dos depor-

tados da África e pela libertação dos índios do jugo da colonização. Mas, na maioria dos mais de 400 lugares onde se encontram Madonas Negras no mundo, não se conhecia escravidão nem havia autóctones reprimidos que se poderiam identificar com a imagem e a aparição de Nossa Senhora em favor de sua causa. Os mais diversos segmentos de uma sociedade conseguiram fazer com que as imagens negras correspondessem às suas necessidades psicossociais. Pesquisadores informam que, no decorrer do tempo, também na estátua da Aparecida pode-se observar um processo de africanização ou enegrecimento.¹⁴ Também a identificação da Aparecida com a “mãe negra”, símbolo da ama de leite negra, cujo monumento se encontra no Largo do Paisandu, em São Paulo, não procede. Pela proximidade com a Virgem Imaculada, a iconografia mostra a Aparecida sempre sem criança, como de fato foi encontrada no rio Paraíba.¹⁵

Por um lado, em termos pastorais, podemos falar de uma inculturação em duas direções: a imagem se inculturou no ambiente, onde ela foi encontrada, e o imaginário do povo soube interpretar a imagem segundo suas disposições e necessidades psicossociais. Essa aproximação bidirecional do encontro permitiu comunicação nas orações e afinidade nas emoções. Por outro lado, não só o significado da negritude das Madonas Negras, como também as raízes, os diferentes elementos e circunstâncias que produziram seu surgimento não podem ser generalizados, embora possam ter semelhanças nas diferentes narrativas que nos falam de suas origens.

Em alguns casos, arqueólogos e antropólogos afirmam com certa segurança que as Madonas Negras estão diretamente ligadas a antigas deusas pagãs: Ísis, Cibele, Ártemis, Perséfone, Débora, Diana e tantas outras. No Santuário de Loreto, essa hipótese é aceitável, mas ainda não dispomos de uma explicação universal para o fenômeno das Madonas Negras, que deveria remontar não só à era do paganismo que precedeu ao cristianismo, mas também à era do paganismo que ainda não alcançamos com a nossa do-

cumentação. A quem foram dedicados os cultos que precederam Cibele, Ártemis e Perséfone?

Erich Neumann, em sua obra monumental *A Grande Mãe*, deu uma contribuição fundamental para nos aproximar ao fenômeno das Madonas Negras a partir da psicologia profunda.¹⁶ Mas, em seu conjunto, o imaginário e seu impacto sobre a realidade social ainda representa uma terra incógnita. E nessa terra incógnita, provavelmente, nos aguardam ainda infinitas surpresas antropológicas, psicológicas e teológicas.¹⁷ A afirmação das Madonas Negras serem representantes simbólicas de deusas lunares arquetípicas em lugares (fontes, covas, montanhas) que radiam forças curativas explica parcialmente a sua existência através de séculos e milênios. Mas o fato de que essas Madonas Negras e, em particular, “Nossa Aparecida”, também possam ser representantes simbólicas da “*madre tierra*” – da própria terra, que é um ser vivo que nos alimenta e emana energias curativas, energias telúricas, foi até agora somente refletido na Teologia Índia. Seguramente, um dia a geobiologia vai ser uma disciplina da nossa Teologia Fundamental. Essa reflexão não nos leva fora da curva da mariologia clássica. Pelo contrário. A Aparecida, pela sua origem histórica e teológica, é, ao mesmo tempo, Nossa Senhora Imaculada, branca e celeste, e Nossa Senhora Aparecida, negra e terrestre. É, também, segundo a Ladainha Lauretana, “rainha elevada ao céu” e “consoladora dos aflitos” na terra. A Aparecida nos lembra do nosso “compromisso com a realidade” (DAP 491) e nos “ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade”, indicando assim “qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, sintam-se como em casa” (DAP 272).

As perguntas abertas sobre a origem e o significado das Madonas Negras não anulam explicações com as quais até hoje somos familiarizados, mas procuram ampliar esses significados e apontar para suas raízes profundas e horizontes diferentes. Até

agora, nem a hermenêutica afirmativa de movimentos negros, nem a hermenêutica de suspeita da psicologia profunda alcançaram ou ultrapassaram a linha do realismo fantástico. Um bom exemplo desse realismo são os eventos que cercam o Santuário de Loreto.

ASANTA CASA DE NAZARÉ E AMADONANEGRADA LORETO

A infância de Jesus e sua vida caseira com seus pais Maria e José compõem, historicamente, o último texto escrito que entrou nos Evangelhos. O primeiro anúncio, que está na origem da radiação do cristianismo, era o querigma sobre a morte e ressurreição de Jesus. As narrativas extracanônicas, que cercam a vida na casa da Sagrada Família, mesclam dados históricos com lendas piedosas que em cada geração encontram leitores devotos.

Uma das primeiras dessas devoções articula o Oriente com o Ocidente, a casa da Sagrada Família de Jesus, na Palestina, com o Império Romano e com devoções marianas da Idade Média. Pelo “Edito de Milão”, de 313, em consequência de uma vitória milagrosa contra seu adversário Magêncio, Constantino, o Imperador Romano, declarou o cristianismo religião lícita ao lado das outras religiões do Império. Era o fim da clandestinidade dos cultos cristãos nas catacumbas. Já no final do século IV, em 380, pelo “Edito de Tessalônica”, o Imperador Teodósio declarou o cristianismo religião de estado, proibiu os cultos dos pagãos e mandou fechar seus templos.

Com o “Edito de Milão” (313), a mãe do Imperador Constantino, Helena, convertida ao cristianismo, tornou-se sua fervorosa adepta. Já com idade avançada, viajou à Terra Santa onde seu nome é mencionado em relatos sobre a construção de Igrejas em lugares sagrados. Também a descoberta da cruz de Jesus, da vera cruz, é atribuída à sua presença na Terra Santa. Em Nazaré, Helena mandou construir uma igreja sobre a casa venerada como casa da Sagrada Família de Nazaré. Para os cristãos, essa casa era

um lugar de grande estima pelos mistérios que acompanharam a Encarnação do Verbo de Deus, a infância e a adolescência de Jesus. Afinal, era considerada também a casa de Joaquim e Ana, pais da mãe de Jesus, e do nascimento de Maria. Sob aquele teto, Jesus cresceu “em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

No século XIII, os sarracenos arrasaram a igreja construída por iniciativa de Santa Helena. Segundo a crença do povo, em 1291, a casa da Sagrada Família foi milagrosamente transportada do Oriente para o Ocidente. Anjos teriam levado essa casa para a colina de Tersatto, na Croácia, de onde, após alguns anos, desapareceu. Novamente, teria sido levada por anjos para a Itália, e depois de algumas estações intermediárias, em 1294, chegou ao lugar onde ainda hoje se encontra, cercado por loureiros, motivo pelo qual foi chamado de Loreto.

Na Santa Casa de Loreto, até hoje se venera a estátua de uma Madona Negra, cujo estilo artístico aponta para sua origem em Tersatto (Croácia), o que explica que a narrativa milagrosa sobre a transferência da Santa Casa, de Nazaré para Loreto, conta com uma estação intermediária na Croácia. Trata-se, portanto, da narrativa de um realismo fantástico, da construção histórica de fatos historicamente não explicáveis, mas necessários para sustentar, no caso de Loreto, a negritude da escultura da Santa de Loreto.

Sabe-se hoje que, no lugar onde se encontra atualmente a Casa Santa de Loreto com a imagem negra de Tersatto, antigamente foi venerada Ísis, uma deusa mãe da mitologia egípcia, cuja adoração se estendeu por todas as partes do mundo greco-romano. Com as proibições do “Edito de Tessalônica” (380), muitos dos significados das antigas venerações pagãs foram “batizados” e incorporados ao cristianismo, outros foram extintos. Pode-se proibir cultos e fechar templos, mas o imaginário reprimido encontra em novos cultos lícitos “ganchos” para sobreviver.

Nos cultos pagãos, Ísis foi venerada como modelo de mãe, amiga de escravos e pescadores, artesãos e oprimidos. É a deusa da simplicidade e protetora dos mortos, das crianças, da maternidade e da fertilidade, esposa e irmã de Osíris e mãe de Hórus, que se tornou senhor do mundo dos vivos. Os primeiros registros escritos sobre o culto de Ísis surgiram pouco antes de 2400 a.C.

No culto de Ísis como “deusa do universo”, em Cartago, também chamada “*Virgo Caelestis*”, consolidou-se a veneração da deusa lunar feminina, por vezes identificada como Selene.¹⁸ Ísis, a deusa lunar, promete a libertação do destino das influências maléficas das estrelas. O início do culto à Ísis é pela bondade da deusa materna libertado das ciladas do destino fatal e terá novamente a lua aos seus pés.¹⁹ Nos cultos à Ísis, surgiram orações e ladainhas dirigidas a ela. Esse culto matriarcal atravessou o período helenístico (III e II séc. a.C.) e o Império Romano, até o Edito de Teodósio (380 d.C.). Pela Ladainha Lauretana, essas invocações atravessaram a linha divisória entre paganismo e cristianismo (aretalogias). Os Santos Padres se apropriaram em sua literatura da teologia subjacente a Ísis lunar, virgem celeste e mãe, e a aplicaram à Igreja e a Maria, como mãe da Igreja. A *Virgo Maria* e a *Virgo Ecclesia* têm a tarefa comum de fazer nascer²⁰ o Verbo e de encarnar o Corpo de Cristo. Salvian de Marseille pondera que o nome de “*Virgo Caelestis*” não caberia a Ísis,²¹ “este demônio africano”, mas a *ecclesia*. No decorrer de uma longa história, os mitos que envolvem Ísis, passaram por anexos e narrativas novas e alimentaram o imaginário e as analogias da reflexão teológica.

O que nos interessa nesse artigo é apenas que Loreto está, como outros santuários de Madonas Negras, em continuidade com um culto e com partes de um imaginário que envolve uma deusa lunar africana do Egito, cujo culto foi proibido e deixou heranças assumidas na veneração de Nossa Senhora do Loreto.

Em seguida, Loreto tornou-se um dos santuários mais frequentados de peregrinação da Europa na fé daquela que até hoje sustenta casas, mas não as transporta mais de um lugar para outro. Hoje, a facilidade de fotografar inibe narrativas exageradas desse realismo fantástico, mas, pela força do imaginário e da fé dos crentes, continuam a acontecer milagres e curas maravilhosas atribuídas àquela “ouvidoria” benfazeja, que dá ao fiel a certeza de ter sido ouvido por seu santo ou pelo próprio Deus.

Por suas estruturas e raízes arquetípicas, muitos santuários de Nossa Senhora são atraídos por massas de peregrinos. Respondem às suas angústias e esperanças, seus processos internos de cura e sofrimento, de pedir e agradecer a instâncias superiores. Mas as imagens atraentes são, por sua vez, peregrinos e migrantes como Nossa Senhora do Loreto nos mostrou. No início, estava a Santa Casa sem a tradição de uma imagem. Na segunda estação, em Tersatto, na Croácia, a casa começa a ser habitada por uma imagem de cor escura da região. Em sua estação final, na Itália, a casa cede seu encanto à imagem de Nos-

sa Senhora do Loreto. Na modernidade, o imaginário possível e documentado não sustenta mais o imaginário de transferências milagrosas de casas. Milagres necessitam de uma plausibilidade psicológica, cultural e histórica. Depois do silêncio de Deus em Auschwitz e em outras tragédias humanas, não nos é mais possível acreditar que este Deus intervém robustamente para salvar a casa de sua infância em Nazaré, e permanece inativo onde sua imagem, o ser humano vivo, é trucidada.

Também sem “realismo fantástico”, mas na base de uma “crônica maravilhosa”, o mito de origem que envolve Ísis e Loreto é suficiente para explicar a força milagrosa da presença de Nossa Senhora do Loreto. Sua devoção, acompanhada por milagres, imagens e estátuas, difundiu-se por todos os países da Europa. No Brasil, a santa do Loreto, que era negra, em sua primeira paróquia de Jacarepaguá, bairro do Rio de Janeiro, chegou branca e continua até hoje como tal. Numa planície, chamada “Planície dos Onze Engenhos”, em 1664, foi construída a primeira Igreja dedicada a ela, portanto,

fretamais.com.br



mais de 50 anos antes da pesca milagrosa de Aparecida. O menino Jesus da Santa de Jacarepaguá (RJ) carrega na mão um globo, símbolo da missão até os confins da terra.

Hoje, a Igreja de Jacarepaguá, em memória da narrativa sobre a transferência fantástica da casa de Nazaré pelos anjos, é Santuário Nacional da Aviação Civil e Militar do Brasil. Mas, não só no Brasil. Nilza Botelho Megale informa: “Devido à milagrosa translação aérea da residência de Nazaré, feita pelos anjos, Nossa Senhora de Loreto é considerada a Padroeira dos Aviadores em todos os países católicos”.²²

ITINERÁRIO ABERTO

A devoção da Nossa Senhora da Conceição Aparecida nasceu da metamorfose da devoção primordial a Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Devotos de São Francisco e adeptos da escola franciscana de Duns Escoto (1266-1308) trouxeram a imagem de uma virgem branca, considerada “cheia de graça” e “concebida sem pecado original”, em uma das naus de Pedro Álvares Cabral de Portugal ao Brasil. Mas ficou reservado a Martim Afonso de Souza, cuja esquadra partiu, em 1530, com cinco embarcações e 400 colonos e tripulantes para colonizar o Brasil, dedicar a primeira igreja, em Itanhaém, no litoral paulista, a Nossa Senhora da Conceição. A partir da segunda metade do século XVII, seu culto, festejado no dia 8 de dezembro, tinha-se tornado oficial em todo o território lusitano e suas colônias.

Ancestralidade silenciosa e transformação cultural marcam a transformação da Imaculada em Aparecida. Se no evento de Aparecida não ocorreu propriamente uma aparição de Nossa Senhora nem uma mensagem aos pescadores nem a indicação de um lugar no rio ou milagres imediatos – quais são então o mistério, a mensagem e o benefício de Aparecida que atraem multidões de peregrinos?

O mistério maravilhoso da Aparecida está no encontro e no realismo que não procura, prioritariamente, intervenções sobrenaturais para afastar o sofrimento,

mas que faz que se assuma o sofrimento numa atitude sobrenatural. Nossa Senhora da Conceição Aparecida se deixou encontrar nas águas de um rio e poderia ser chamada de Nossa Senhora do Encontro. No silêncio das águas do rio, ela ouve o clamor do povo, se faz cativa dos pobres e assume, num processo de enegrecimento, a cor da pele escura e negra do povo. Na sua permanência por 15 anos na casa desse povo, se faz hóspede, se incultura no jeito de gente simples e se faz “nossa”.

A construção de uma catedral, o manto azul com as bandeiras do Brasil e do Vaticano, a coroa de ouro e outros adereços não foram pedidos de Nossa Senhora. São adornos simbólicos comparáveis aos presentes dos “magos vindos do Oriente” ao presépio do Menino Jesus (Cf. Mt 2,11), cujo ouro apontava à realeza, seu incenso à divindade e sua mirra à humanidade do Recém-Nascido. A Catedral de Aparecida é casa de oração e de encontro com os peregrinos. O manto de azul anil, hoje anualmente bordado pelas Irmãs Carmelitas, é o orgulho da mulher do povo que se reconhece na beleza da mãe de Deus. E a coroa de ouro foi doada no dia 8 de dezembro de 1868, por ocasião da peregrinação da Princesa Isabel à Aparecida. A imagem foi coroada por ocasião do quinquentenário da declaração do dogma da Imaculada Conceição, em 8 de setembro de 1904. A coroa é adorno da Rainha da Paz, que na Ladainha Lauretana é a última das 12 invocações de Maria como Rainha. Para o povo, a Rainha de Aparecida tornou-se uma instância de apelação, advogada nossa em proximidade com o Espírito Santo (Cf. Jo 14,26; 15,26). Ela ajusta as contas quando as instâncias humanas de justiça demoram, e as da sorte falham.

Hoje, o povo incorporou a Aparecida em seu imaginário religioso e milagroso como instrumento de sua resistência e sobrevivência. Pobres e ricos peregrinam anualmente em caravanas crescentes para Aparecida agradecendo graças recebidas que interromperam o sofrimento do desemprego e a monotonia de trabalhos pesados na lavoura ou na fábrica. Na passagem pelo rio

Paraíba do Sul e pela casa dos pobres, Nossa Senhora Aparecida se tornou *nossa*, nas rezas, na intimidade das dores e nos sustos da vida, sempre “nossa”! Os pobres, sem pistão por perto nos meandros da vida pública e com o recurso de sua fé, sentem-se atraídos pela “Cidinha”, que é *sua*, pela cor, pelo tamanho de dois palmos de mão e pela simplicidade de sua mensagem silenciosa que dispensa hermenêuticas autoritárias. O imaginário da Aparecida não desconsidera os conflitos reais do povo, mas os faz suportáveis e superáveis.

Como esse imaginário vai atravessar a modernidade e responder à pós-modernidade, não o sabemos. Sabemos, porém, que não somente a idade média ou a pré-modernidade, mas também a modernidade e a pós-modernidade criaram lixões de alienação e sofrimento, sem solução. A fé não antecipa ou fecha a história com soluções de felicidade. Ela ajuda a mantê-la aberta na esperança dos pequenos. A Aparecida é negra, pequena, silenciosa e, ao mesmo tempo, poderosa. Seu poder místico pode ser transformado em esperança histórica e ação política. A iconografia nos mostra a promessa de sua imagem: é possível esmagar a cabeça da serpente (Cf. Gn 3,15; Ap. 12,1-6).

NOTAS

¹ “Cujo ancestral branco”. Ancestral é substantivo masculino.

² PIVA, Elói Dionísio. *A Imaculada na piedade popular luso-brasileira*. Em: COSTA, Sandro Roberto da (org.), *Imaculada: Maria do povo, Maria de Deus*, Petrópolis, Vozes, 2004, 173-204, aqui 183. Tb. MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Mariano Brasil*, 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1997, 45.

³ CHAMORRO, Graciela. Maria nas culturas e religiões ameríndias [Maria]. Em: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 46, 2003/3, 92-100, aqui 93.

⁴ MONTTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape [1639]*, Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985, 200.

⁵ CHAMORRO, Maria nas culturas, 94.

⁶ Cf. a história de “Nossa Senhora da Vitória”, em: MEGALE, *Invocações*, 465-469.

⁷ ANCHIETA, José de. *Opoema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus* (de Beata Virgine Matre Dei Maria), 5ª ed., São Paulo, Paulinas, 1996, p. 322.

⁸ MONTTOYA, *Conquista espiritual*, 200.

⁹ Cf. os verbetes “Maria” e “Missão” em: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*, 3ª ed., São Paulo, Paulus, 2010.

¹⁰ Cf. A grande transformação no campo religioso brasileiro, Cadernos IHU (Instituto Humanitas Unisinos) em formação, VIII n. 43, 2012.

¹¹ ANCHIETA, *Opoema*, l.c., p. 322.

¹² MONTTOYA, *Conquista espiritual*, 188.

¹³ GUARDINI, Romano. *Wunder und Zeichen*. Würzburg, Werkbund, 1959, p. 10.

¹⁴ Cf. SANTOS, Lourival dos. História oral de vida de devotos da padroeira negra do Brasil: radicalização de um catolicismo afro-brasileiro. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

¹⁵ Cf. para a história da “Mãe Negra” e sua manipulação ideológica e política em São Paulo: LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. As representações sociais da mãe negra na cidade de São Paulo. Em: UNESP – FCLAS – CEDAP, v.3, n.2, 2007, 132-154.

¹⁶ NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. São Paulo, Cultrix, 1974.

¹⁷ Cf. ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (coord.). *Variações sobre o imaginário: Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.

¹⁸ Cf. RAHNER, Hugo. *Symbole der Kirche. Die Ekklesiologie der Väter*, Salzburg, Otto Müller, 1964, p. 102s. No Rodapé 29, o A. indica muitos dados bibliográficos.

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 166.

²⁰ Cf. *ibidem*, p. 211.

²¹ *Ibidem*, p. 102.

²² MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações*, 266.